

JORGE AMADO

# MAR MORTO

*Posfácio*

Ana Maria Machado



Copyright © 2008 by — Grapiúna Produções Artísticas Ltda.  
1<sup>a</sup> edição, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1936

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Consultoria da coleção*  
Ilana Seltzer Goldstein

*Capa*  
Jeff Fisher

*Cronologia*  
Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

*Preparação*  
Isabel Jorge Cury

*Revisão*  
Gabriela Morandini  
Larissa Lino Barbosa

Texto estabelecido a partir dos originais revisados pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.  
Mar morto / Jorge Amado ; posfácio Ana Maria Machado. —  
1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2091-8

1. Ficção brasileira I. Machado, Ana Maria. II. Título.

12-03788 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2012

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

IEMANJÁ, DONA DOS  
MARES E DOS SAVEIROS

## TEMPESTADE

**A NOITE SE ANTECIPOU.** Os homens ainda não a esperavam quando ela desabou sobre a cidade em nuvens carregadas. Ainda não estavam acesas as luzes do cais, no Farol das Estrelas não brilhavam ainda as lâmpadas pobres que iluminavam os copos de cachaça, muitos saveiros ainda cortavam as águas do mar quando o vento trouxe a noite de nuvens pretas.

Os homens se olharam e como que se interrogavam. Fitavam o azul do oceano a perguntar de onde vinha aquela noite adiantada no tempo. Não era a hora ainda. No entanto, ela vinha carregada de nuvens, precedida do vento frio do crepúsculo, embaciando o sol, como num milagre terrível.

A noite veio, nesse dia, sem música que a saudasse. Não ecoara pela cidade a voz clara dos sinos do fim da tarde. Nenhum negro aparecera ainda de violão na areia do cais. Nenhuma harmônica saudava a noite da proa de um saveiro. Não rolara sequer pelas ladeiras o baticum monótono dos candomblés e macumbas. Por que então a noite já chegara sem esperar a música, sem esperar o aviso dos sinos, a cadência das violas e harmônicas, o misterioso bater dos instrumentos religiosos? Por que viera assim antes da hora, fora do tempo?

Aquela era uma noite diferente e angustiante. Sim, porque os homens tinham um ar de desassossego e o marinheiro que bebia solitário no Farol das Estrelas correu para o seu navio como se o fosse salvar de um desastre irremediável. E a mulher, que no pequeno cais do mercado esperava o saveiro onde vinha o seu amor, começou a tremer, não do frio do vento, não do frio da chuva, mas de um frio que lhe vinha do coração amante cheio dos maus presságios da noite que se estendia repentinamente.

Porque eles, o marinheiro e a mulher morena, eram familiares do mar e bem sabiam que, se a noite chegara antes da hora, muitos homens morreriam no mar, navios não terminariam a sua rota, mulheres viúvas chorariam sobre a cabeça dos filhos pequeninos. Porque — eles sabiam — não era a verdadeira noite, a noite da lua e das estrelas, da música e do amor, que chegara. Esta só chegava na sua hora, quando os sinos tocavam e um negro cantava ao violão, no cais, uma cantiga de saudade. A que chegara carregada de nuvens, trazida pelo vento, fora a tempestade que derrubava os navios e matava os homens. A tempestade é a falsa noite.

A chuva veio com fúria e lavou o cais, amassou a areia, balançou os navios atracados, revoltou os elementos, fez com que fugissem todos aqueles que esperavam a chegada do transatlântico. Um homem na estiva disse ao companheiro que ia haver tempestade. Como um monstro estranho um guindaste atravessou a chuva e o vento, carregando fardos. A chuva açoitava sem piedade os homens negros da estiva. O vento passava veloz, assobiando, derrubando coisas, amedrontando as mulheres. A chuva embaciava tudo, fechava até os olhos dos homens. Só os guindastes se moviam, negros. Um saveiro virou no mar e dois homens caíram n'água. Um era jovem e forte. Talvez tivesse murmurado um nome naquela hora final. Não era uma praga, com certeza, porque soava docemente na tempestade.

O vento arrancou a vela do saveiro e levou-a para o cais como uma notícia trágica. O bojo das águas se elevou, as ondas bateram nas pedras do cais. As canoas do porto da Lenha se agitavam e os canoeiros resolveram não voltar naquela noite para as cidadezinhas do Recôncavo. A vela do saveiro naufragado caiu no quebra-mar e então se apagaram as lanternas de todos os saveiros. Mulheres rezaram a oração de defuntos, os olhos dos homens se estenderam para o mar.

Diante do copo de cachaça o preto Rufino não sorriu mais. Assim com a tempestade, Esmeralda não viria.

As luzes se acenderam. Mas estavam fracas e oscilavam. Os homens que esperavam o transatlântico não viam nada. Eles

haviam entrado para os armazéns e mal enxergavam o vulto dos guindastes e o vulto dos carregadores, que, curvados, atravessavam a chuva. Mas não viam o navio esperado onde viriam amigos, pais e irmãos, noivas talvez. Não viam o homem que chorava na terceira classe. Pela face do homem que vinha pela estrada do mar, na terceira classe de um lugre que tocara em vinte portos diversos, a chuva se misturava com as lágrimas, a lembrança das lamparinas da sua aldeia se confundia com as luzes embaciadas da cidade tempestuosa.

Mestre Manuel, o marinheiro que mais conhecia aqueles mares, resolveu não sair com seu saveiro naquela noite. O amor é bom nas noites de temporal e a carne de Maria Clara tinha gosto de mar.

As luzes do velho forte estavam apagadas. Também as lanternas dos saveiros. Foi quando faltou luz na cidade. Até os guindastes pararam e os homens da estiva entraram para os armazéns. Guma, do seu saveiro, que era o Valente, viu as luzes se apagarem e teve medo. Ia com a mão no leme, o barco virado de um lado. Aqueles que esperavam o transatlântico se foram em automóveis para lugares mais movimentados. Só ficou um homem que apertou a mão de outro quando ele desceu do transatlântico:

— Tudo bem?

— Tudo — sorriu o outro.

O que estava aguardando chamou um automóvel e os dois seguiram silenciosos. Os companheiros já estariam esperando.

O homem que chegara na terceira classe ficou olhando a cidade de costumes diversos, de língua diversa. Apertou contra o peito a carteira quase vazia e se atirou pela primeira ladeira que encontrou com o seu saco de viagem. O cais se despovoou.

Só Lívia, magra, de cabelos finos colados ao rosto pela chuva, ficou diante do cais dos saveiros olhando o mar. Ouvia os gemidos de amor de Maria Clara. Mas seus pensamentos e seus olhos estavam no mar. O vento a sacudia como se ela fosse um caniço, a chuva a chicoteava no rosto, nas pernas e nas mãos.

Mas ela continuava imóvel, o corpo atirado para a frente, os olhos na escuridão, esperando ver a lanterna vermelha do Valente cruzar a tempestade, iluminando a noite sem estrelas, anunciando a chegada de Guma.

## CANCIONEIRO DO CAIS

**DE REPENTE, RÁPIDA COMO VIERA, A TEMPESTADE** foi para outros mares, naufragar outros navios. Lívia ouvia agora os gemidos de Maria Clara. Não eram mais, porém, gritos agudos de prazer e dor, gritos de animal ferido, que atravessavam a tempestade com um ar de desafio. Agora, que pela cidade, pelo cais, pelo mar, se estendia a verdadeira noite, a do amor e da música, a das estrelas e da lua, o amor no saveiro de mestre Manuel era doce e repousante. Os gemidos de Maria Clara eram como soluços de alegria, quase em surdina, quase canção. Lívia tirou por um momento os olhos do mar sereno e ouviu aqueles gemidos. Em breve Guma chegaria, o *Valente* atravessaria a baía, e ela o teria entre os braços morenos, e gemeriam de amor. Agora a tempestade cessara, ela já não tinha medo. Não demoraria a enxergar a lanterna vermelha do saveiro brilhando na noite do mar. Pequenas ondas batiam nas pedras do cais e os saveiros balouçavam mansamente. Ao longe, as luzes brilhavam sobre o asfalto molhado da cidade. Grupos de homens que já não tinham nem pressa, nem medo, se encaminhavam para o grande elevador. Lívia se voltou para o mar. Há oito dias que não via Guma. Ela ficara na casinha velha do cais. Não fora desta vez com ele para a aventura sempre renovada da viagem pela baía e pelo rio calmo. Se ela estivesse no saveiro quando a tempestade desabara, teria sido melhor. Ele ficaria temeroso pela vida da companheira mas, no entanto, Lívia não teria medo nenhum, porque estaria com ele, e ele conhecia todos os caminhos do mar, seus olhos valiam como lanternas, e suas mãos eram seguras no leme. Ele não tardaria a chegar. Viria encharcado da tempestade, contando histórias, musculoso e risonho, com o nome de Lívia e uma seta tatuados no

braço. Ela sorriu. Seu longo corpo moreno se voltou todo para os gemidos de Maria Clara. Estava negro no cais, uma ou outra lanterna brilhava nos saveiros, mas ela distinguia perfeitamente o de mestre Manuel, de onde vinham os gemidos. Lá estava ele amarrado ao cais, balouçando nas ondas. Ali um homem e uma mulher se amavam e os seus gemidos chegavam até Lívia. Mais tarde, daqui a bem pouco tempo, seria ela quem na proa de um saveiro apertaria contra o seu corpo o corpo forte de Guma, beijaria os seus cabelos morenos, sentiria o gosto de mar do seu corpo, o gosto de morte que ainda haveria nos seus olhos mal chegados da tempestade. E os seus gemidos de amor seriam mais doces do que os de Maria Clara, porque estariam cheios da longa espera e do medo que a invadira. Maria Clara deixaria de amar para ouvir a música de soluços e de risos que sairia de seus lábios quando Guma a apertasse, a prendesse nos seus braços molhados do mar.

Um mestre de saveiro passa e deseja boa noite a Lívia. Um grupo mais longe examina a vela do saveiro que virou. Ela está muito branca, rasgada, perto do cais. Homens já partiram num saveiro para ir procurar os corpos. Mas Lívia pensa em Guma que está a chegar, e no amor que a espera. Será mais feliz que Maria Clara que não esperou, nem teve medo.

— Sabe quem morreu, Lívia?

Ela se assusta. Mas aquela vela não é a vela do *Valente*. A do seu saveiro é bem maior e não se rasgaria assim. Lívia se volta e pergunta a Rufino:

— Quem foi?

— Raimundo e o filho. Viraram bem perto da cidade... A tempestade estava braba.

Nessa noite — pensa Lívia — Judith não terá amor na sua casinha, nem no saveiro do seu marido. Jacques, o filho de Raimundo, morrera. Irá até lá depois. Depois que Guma chegar, que matarem as saudades, que se amarem. Rufino olha a lua que sai:

— Já foi gente buscar os corpos.

— Judith já sabe?

— Eu vou dizer...

Lívia olha o preto. É gigantesco e cheira a cachaça. Andou bebendo, com certeza, no Farol das Estrelas. Por que será que ele olha a lua cheia que sobe para o meio do mar e ilumina tudo com uma réstia prateada? Maria Clara ainda soluça de amor. Judith não terá amor esta noite. Lívia amará quando Guma chegar molhado da tempestade, com gosto de mar. Como está belo o mar com a lua alvejando tudo! Rufino está ali parado. Do forte velho vem uma música. Tocam harmônica e cantam:

*A noite é para o amor...*

Voz possante de negro. Rufino olha a lua. Talvez ele pense, também, que Judith não terá amor esta noite. Nem nunca mais... o seu homem morreu no mar.

*Vem amar nas águas, que a lua brilha...*

Lívia pergunta a Rufino:

— Judith ainda está morando com a mãe dela?

— Não. A velha velejou pra Cachoeira...

Disse isso sem jeito, espiando a lua. Um negro está cantando no forte velho mas a sua canção não consolará Judith. Rufino estende a mão:

— Vou me botando...

— Depois vou lá...

Rufino dá uns passos. Para:

— É coisa triste... Ruim de se falar... Dizer que morreu...

Coça a cabeça. Lívia ficou triste. Nunca mais Judith amará. Nunca mais virá amar, no mar, na hora em que a lua brilha. Para ela a noite não será mais para o amor, será para as lágrimas. Rufino joga as mãos para a frente:

— Vem comigo, Lívia. Você sabe dizer...

Mas o amor a espera, Guma chegará em breve no *Valente*, a lanterna vermelha não tardará a brilhar, não demorará a hora

dos corpos se apertarem. Não tardará que ele passe sob a réstia de luz que a lua estendeu no mar. O amor a espera, Lívia não pode ir. Naquele dia, depois do medo, depois da visão de Guma se afogando, ela quer amor, quer alegria, gemidos de posse. Não pode ir chorar com Judith que nunca mais amará.

— Estou vendo se Guma chega, Rufino.

Será que o negro vai pensar que ela é ruim? Mas Guma não demorará. Fala:

— Depois vou lá...

Rufino abana as mãos:

— Então, boa noite.

— Até logo...

Rufino dá mais uns passos sem vontade. Olha a lua, ouve o homem que canta:

*Vem amar nas águas, que a lua brilha...*

Volta-se para Lívia:

— Você sabia que ela tá prenha?

— Judith?

— É...

Saiu andando. Ainda olha a lua. Do forte velho cantam:

*A noite é para o amor...*

Maria Clara soluça e ri nos braços do seu homem. Lívia sai quase correndo e grita para Rufino cuja sombra se vê ao longe:

— Eu vou com você...

Vão andando. Ela ainda olha o mar longamente. Quem sabe se aquela lanterna que brilha ao longe não será a do *Valente*?

Judith é mulata e a barriga já se estende deformando o vestido de chita. Estão todos em silêncio. O preto Rufino abana as mãos, não tem onde botá-las, olha os outros espantado. Lívia é toda ela um gesto de conforto, as mãos amparando a cabeça de Judith. Outros já chegaram. Deram pêsames e ali, em volta da sala, esperam que tragam os corpos que os homens procuraram

no mar. De onde está Judith vêm soluços entrecortados, e as mãos de Lívia se erguem em gestos carinhosos. Depois, entraram mestre Manuel e Maria Clara, ela com os olhos pisados.

Nada recorda mais a tempestade. Nem Maria Clara soluça mais de amor. Por que então Judith chora, Judith está viúva, os homens esperam dois corpos? Bem que o preto Rufino gostaria de ir embora, de fugir dali, de ir para a alegria dos braços de Esmeralda. Ele sofre a tristeza da casa, a dor de Judith, está sem ter onde botar as mãos e sabe que sofrerá mais ainda quando o corpo entrar e Judith tiver o último encontro com o homem que a amava, que lhe fez um filho, que possuiu seu corpo.

Lívia é que tem coragem. Ainda é mais bela assim. Quem não gostaria de casar com Lívia e ser chorado por ela quando morresse no mar? Ela, nessa hora, é como uma irmã de Judith.

Decerto ela também tem vontade de fugir, de ir esperar Guma na beira do cais para uma noite sob as estrelas. O sofrimento de Judith dói em todos e Maria Clara pensa que um dia, talvez, mestre Manuel fique no mar, numa noite de tempestade e que Lívia deixe de esperar Guma para vir dar a notícia. Aperta com força o braço de mestre Manuel que pergunta:

— Que é?

Mas ela está chorando e mestre Manuel fica mudo. Trouxeram uma garrafa de cachaça. Lívia leva Judith para o quarto. Maria Clara vai com elas e agora substitui Lívia e chora com a viúva, chora por ela própria.

Lívia volta para a sala. Agora, os homens conversam em voz baixa, comentam a tempestade, falam do pai e do filho que morreram nesta noite. Um negro diz:

— O velho era um macho bom... Coragem como três...

Um outro começa a contar uma história:

— Vocês se lembram daquele temporal de junho? Pois Raimundo...

Alguém abre a garrafa de cachaça. Lívia atravessa o grupo e chega até a porta... Ouve o ruído do mar sereno, ruído sempre igual, ruído de todos os dias. Guma não deve tardar e sem dúvida a virá procurar na casa de Judith. Nas trevas do cais ela

distingue as velas dos saveiros. E, de repente, a assalta o mesmo receio que assaltara Maria Clara. E se, numa noite, lhe viessem trazer a notícia de que Guma estava no fundo do mar e o *Valente* vagava sem rumo, sem leme, sem guia? Só então ela sente toda a dor de Judith, se sente totalmente sua irmã, irmã também de Maria Clara, de todas as mulheres do mar, mulheres de destinos iguais: esperar numa noite de tempestade a notícia da morte de um homem.

Do quarto vêm os soluços de Judith. Ficou com um filho na barriga. Talvez um dia ainda chore, também, a morte desse filho no mar. No grupo da sala um homem fala:

— Salvou cinco... Era uma noite de fim de mundo... Muita gente viu a mãe-d'água nessa noite. Raimundo...

Judith soluça no quarto. É destino de todas elas. Os homens da beira do cais só têm uma estrada na sua vida: a estrada do mar. Por ela entram, que seu destino é esse. O mar é o dono de todos eles. Do mar vem toda a alegria e toda a tristeza porque o mar é mistério que nem os marinheiros mais velhos entendem, que nem entendem aqueles antigos mestres de saveiros que não viajam mais, e, apenas, remendam velas e contam histórias. Quem já decifrou o mistério do mar? Do mar vem a música, vem o amor e vem a morte. E não é sobre o mar que a lua é mais bela? O mar é instável. Como ele é a vida dos homens dos saveiros. Qual deles já teve um fim de vida igual aos dos homens da terra que acarinham netos e reúnem as famílias nos almoços e jantares? Nenhum deles anda com esse passo firme dos homens da terra. Cada qual tem alguma coisa no fundo do mar: um filho, um irmão, um braço, um saveiro que virou, uma vela que o vento da tempestade despedaçou. Mas também qual deles não sabe cantar essas canções de amor nas noites do cais? Qual deles não sabe amar com violência e doçura? Porque toda a vez que cantam e que amam, bem pode ser a última. Quando se despedem das mulheres não dão rápidos beijos, como os homens da terra que vão para os seus negócios. Dão adeuses longos, mãos que acenam, como que ainda chamando.

Lívia olha os homens que sobem a pequena ladeira. Vêm em

dois grupos. Lanternas dão um ar de fantasmagoria a esta procissão fúnebre. Como que pressentindo a chegada, os soluços de Judith redobram no quarto. Bastaria ver os homens de cabeça descoberta para saber que eles trazem os corpos. Pai e filho morreram juntos na tempestade. Sem dúvida um tentou salvar o outro e pereceram ambos no mar. No fundo de tudo, vinda do forte velho, vinda do cais, dos saveiros, de algum lugar distante e indefinível, uma música confortadora acompanha os corpos. Diz que:

*É doce morrer no mar...*

Lívia soluça. Ampara Judith no seu peito, mas soluça também, soluça pela certeza que seu dia chegará e o de Maria Clara e o de todas elas. A música atravessava o cais para chegar até eles:

*É doce morrer no mar...*

Mas naquela hora nem a presença de Guma, que vem com o cortejo e foi quem descobriu os corpos, conforta o coração de Lívia.

Só a música que vem de um lugar indefinível (talvez seja mesmo do forte velho), dizendo que é doce morrer no mar, lembra a morte do marido de Judith. Os corpos agora estarão estendidos na sala, Judith chorando ajoelhada ao lado de seu marido, os homens em torno, Maria Clara com medo que um dia Manuel se afogue também.

Mas para que pensar nisso, pensar em morte, em tristezas, quando o amor a espera? Porque estão na proa do *Valente*, Lívia estendida no madeirame bem por baixo da vela enrolada, espiando seu homem que fuma sossegadamente o cachimbo. Para que pensar em morte, em homens lutando contra as ondas, quando seu homem está ali, salvo da tempestade, fumando um cachimbo que é mesmo a estrela mais bonita deste mar? Mas

Lívia pensa. Está triste porque ele não vem apertá-la nos seus braços tatuados. E ela está esperando, as mãos embaixo da cabeça, os seios meio aparecendo sob o vestido que a aragem da noite, agora calma, suspende e balança. Também o saveiro balança mansamente.

Lívia espera e é bela nessa espera, ela é a mulher mais bela da beira do cais e dos saveiros. Nenhum mestre de saveiro tem uma mulher como a de Guma. Todos dizem isso e sorriem todos para ela. Todos gostariam de tê-la nos braços musculosos das travessias. Mas ela é somente de Guma, casou foi com ele na igreja de Mont Serrat, onde se casam os pescadores, os canoeiros e os mestres de saveiro. Mesmo marinheiros que viajam por mares longínquos, em paquetes enormes, vêm casar na igreja de Mont Serrat, que é a igreja deles, trepada no morro, dominando o mar. Ela casou ali com Guma e, desde então, nas noites do cais do seu saveiro, nos quartos do Farol das Estrelas, na areia do cais, eles se amam, confundem os corpos sobre o mar e sob a lua.

E hoje que ela tanto esperou na tempestade, hoje que ela tanto deseja porque muito temeu, ele fuma sem pensar nela. Por isso ela se recorda de Judith, a que não terá mais amor, aquela para quem a noite será sempre a hora de chorar. Se recorda: ela ficou atirada junto do seu homem. Olhava para o rosto dele, aquele rosto que não se movia mais, que já não sorria, rosto que já passara sob as ondas, olhos que já haviam visto Iemanjá, a mãe-d'água.

Lívia pensa com raiva em Iemanjá. Ela é a mãe-d'água, é a dona do mar, e por isso, todos os homens que vivem em cima das ondas a temem e a amam. Ela castiga. Ela nunca se mostra aos homens a não ser quando eles morrem no mar. Os que morrem na tempestade são seus preferidos. E aqueles que morrem salvando outros homens, esses vão com ela pelos mares afora, igual a um navio, viajando por todos os portos, correndo por todos os mares. Destes ninguém encontra os corpos, que eles vão com Iemanjá. Para ver a mãe-d'água muitos já se jogaram no mar sorrindo e não mais apareceram. Será que ela dorme com todos eles no fundo das águas? Lívia pensa nela com raiva. A

estas horas ela estará com pai e filho que morreram na tempestade e talvez até que eles lutem por ela, eles que foram tão amigos toda a vida. Morrendo, ainda o pai quis salvar o filho. Quando Guma encontrou os corpos a mão do velho segurava a camisa do filho. Morreram amigos e agora, quem sabe?, talvez que por causa de Iemanjá, a dona do mar, mulher que só os mortos veem, eles estejam brigando, Raimundo puxando a faca que os homens não encontraram no seu cinto porque ele a levou consigo. Lutarão talvez no fundo das águas para saber quem vai com ela correr os mares, ver as cidades do outro lado da Terra. Judith que está chorando, Judith que tem um filho na barriga, Judith que irá se acabar no trabalho duro, Judith que nunca mais amará um homem, já estará esquecida porque a mãe-d'água é loira e tem cabelos compridos e anda nua debaixo das ondas, vestida somente com os cabelos que a gente vê quando a lua passa sobre o mar.

Os homens da terra (que sabem os homens da terra?) dizem que são os raios da lua sobre o mar. Mas os marinheiros, os mestres de saveiro, os canoeiros riem dos homens da terra que não sabem nada. Eles bem sabem que são os cabelos da mãe-d'água, que vem ver a lua cheia. É Iemanjá que vem olhar a lua. Por isso os homens ficam espiando o mar prateado nas noites de lua. Porque sabem que a mãe-d'água está ali. Os negros tocam violão, harmônica, batem batuque e cantam. É o presente que eles trazem para a dona do mar. Outros fumam cachimbo para iluminar o caminho, assim Iemanjá verá melhor. Todos a amam e até esquecem as mulheres quando os cabelos da mãe-d'água se estendem sobre o mar.

Assim está Guma que olha o bojo de prata das águas e ouve a música do negro que convida para a morte. Ele diz que é doce morrer no mar, porque irão encontrar a mãe-d'água que é a mulher mais bonita do mundo todo. Guma está fitando os cabelos dela, esquecido que Lívia está ali, o corpo estirado, os seios se ofertando, Lívia que tanto esperou a hora do amor, Lívia que viu a tempestade destruindo tudo, derrubando saveiros, matando homens, Lívia que muito temeu. Bem que Lívia gostaria de

tê-lo nos seus braços, de beijar a sua boca e nela descobrir se ele teve medo quando as luzes se apagaram, de apertar o seu corpo para saber se o mar o molhou. Mas agora ele está esquecido de Lívia, ele só pensa em Iemanjá, a dona do mar. Talvez ele até tenha inveja do pai e do filho que morreram na tempestade e que agora correrão os mundos que só os marinheiros dos grandes navios conhecem. Lívia tem ódio, tem vontade de chorar, tem vontade de se apartar do mar, de ir para muito longe.

Um saveiro passa. Lívia se suspende sobre o braço para ver melhor. Gritam para Guma:

— Boa noite, Guma...

Guma sacode a mão:

— Boa viagem...

Lívia olha para ele. Agora que uma nuvem cobriu a lua e Iemanjá foi embora, ele apaga o cachimbo e sorri. Ela se encolhe toda já com prazer, já sentindo os seus braços. Guma fala:

— Onde taria cantando aquele negro?

— Sei lá... Parece que no forte.

— Bonita música...

— Judith, coitada...

Guma olha o mar:

— É mesmo... Vai cortar uma dureta. E com um filho na barriga...

Seu rosto se fecha e ele espia para Lívia. Ela está bela assim se ofertando. Ela não tem mãos para trabalho duro. Se ele ficasse no mar ela teria de ser de outro para poder viver. Ela não tem mãos para trabalho duro. Esse pensamento lhe traz uma raiva surda. Os peitos de Lívia aparecem sob o vestido. Todos no cais a desejam. Todos gostariam de tê-la porque ela é a mais bonita. E quando ele também for com Iemanjá? Tem vontade de matá-la ali mesmo para que ela nunca seja de outro.

— E se um dia eu virar e der de comer aos peixes? — seu riso é forçado.

A voz do negro atravessa novamente a noite:

*É doce morrer no mar...*

— Você também cai no trabalho duro? Ou vai com outro?

Ela está chorando, ela está com medo. Também ela teme por esse dia em que seu homem fique no fundo do mar, em que nunca mais volte, quando for com Iemanjá, a dona do mar, a mãe-d'água, correr mares e terras. Levanta-se e passa os braços no pescoço de Guma:

— Hoje tive medo. Lhe esperei na beira do cais. Parecia que você não vinha nunca mais...

Ele vem. Sim, ele sabe quanto Lívia esperou, quanto ela temeu. Ele vem para os seus braços, para o seu amor. Um homem canta ao longe:

*É doce morrer no mar...*

E agora sob a lua não brilham mais os cabelos de Iemanjá, a dona do mar. O que fez calar a música do negro são os soluços de amor de Lívia, a mulher da beira do cais que todos desejam, e que na proa do *Valente* muito ama o seu homem porque muito temeu por ele e muito teme ainda.

Os ventos da tempestade já estão longe. As águas das nuvens da falsa noite estão caindo noutros portos. Iemanjá viajará com outros corpos por outras terras. Agora o mar é sereno e doce. O mar é amigo dos mestres de saveiro. Pois o mar não é a estrada, não é o caminho, não é a casa deles todos? Não é sobre o mar, na proa dos saveiros que eles amam e fazem seus filhos?

Sim, Guma ama o mar e Lívia também o ama. O mar é belo assim de noite, azul, azul sem fim, espelho das estrelas, cheio de lanternas de saveiros, cheio das lanternas das brasas dos cachimbos, cheio de ruídos de amor.

O mar é amigo, o mar é doce amigo para todos aqueles que vivem nele. E Lívia sente o gosto de mar da carne de Guma. O *Valente* balança como uma rede.